

**A CRISE DUM OCIDENTAL: CESÁRIO VERDE E A IMPOSSIBILIDADE DO  
“LIVRO”**

***THE CRISIS OF A WESTERNER: CESÁRIO VERDE AND THE IMPOSSIBLE  
“BOOK”***

**Silvio Cesar dos Santos Alves**

**Fundação de Apoio à Escola Técnica**

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo abordar aspectos da obra do poeta português José Joaquim Cesário Verde (1855-1886) relacionados à crise de autoria do final do século XIX, que teve em Stéphane Mallarmé um paradigma importante. Trata-se do drama da impossibilidade do livro, da própria escrita, ou seja, da esterilidade autoral. Em sua crise, Cesário Verde também negaria a escrita poética e jamais publicaria o livro que prometera mais de uma vez.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cesário Verde, autoria, campo literário.

*ABSTRACT: This article aims to address aspects of the work of the Portuguese poet José Joaquim Cesário Verde (1855-1886) related to the authorship crisis of the late nineteenth century, of which Stéphane Mallarmé was an important paradigm. We are talking about the drama of the impossibility of the book, of the writing itself, ie. of the sterility of the author. In his crisis, Cesário Verde denied the poetic writing itself and never came to publish his promised book.*

*KEY-WORDS: Cesário Verde, authorship, literary field.*

Em *O livro por vir*, Maurice Blanchot afirma que “a literatura só poderia ser concebida em sua integralidade essencial a partir da experiência que lhe retira as condições usuais de possibilidade” (BLANCHOT, 2005). Segundo esse autor, fora essa a situação enfrentada por Mallarmé em sua “memorável crise”: “ao conceber a Obra, é no momento justo em que, tendo ‘*sentido sintomas muito inquietantes causados pelo simples fato de escrever*’, escreve doravante porque escrever deixa de se apresentar a ele como uma atividade possível” (BLANCHOT, 2005, p. 341-2). Hugo Friedrich, em *Estrutura da lírica moderna (da metade do século XIX a meados do século XX)*, identifica nessa crise de Mallarmé uma espécie de “dissonância ontológica”, uma “ruptura entre linguagem e idealidade, entre querer e poder, entre aspiração e meta” (FRIEDRICH, 1978, p. 130), aquilo que sua poesia expressa seja como o “fracasso da linguagem frente ao absoluto”, seja como o fracasso “do absoluto frente à linguagem” (FRIEDRICH, 1978, p. 131).

O que Mallarmé parece não ter percebido ou aceitado é que era o próprio absoluto, a ideia de sua possibilidade, que entrava em crise naquele momento da história em que o niilismo surgia como “o mais estranho de todos os hóspedes” (NIETZSCHE, 2003, p. 19), ou seja, no final do século XIX, a sensação de desnorteamento provocada pelo niilismo ultrapassa a simples descoberta da impossibilidade de comunicação entre a linguagem e a idealidade, caracterizando-se como uma crescente e angustiosa consciência de que no horizonte humano não há nenhuma transcendência a ser alcançada como valor supremo capaz de responder à questão sobre a legitimidade do mundo imanente e de suas contradições. O homem se dá conta de que está só no mundo e de que para nele sobreviver dispõe apenas de uma linguagem precária, dúbia, contraditória, astuciosa. Sem entrarmos nos pormenores dessa história, não é forçoso cogitar que o modo como Mallarmé lidou com essa crise do pensamento de seu tempo esteja intimamente relacionado à crise de autoria que faria do “*Livro*” por ele tão projetado um “livro por vir”, existente apenas no horizonte do provável.

Cesário Verde também não publicou o livro que prometera mais de uma vez. *O Livro de Cesário Verde* foi editado e publicado por seu amigo Silva Pinto, em abril de 1887 – cerca de nove meses após a morte do autor –, com uma tiragem de 200 exemplares, destinados a serem “distribuídos pelos parentes, pelos amigos e pelos admiradores *provados* do ilustre poeta, bem como por Bibliothecas do paiz [sic.] e do estrangeiro” (PINTO *apud* VERDE, 2004, p. 144).

Na capa desse livro, consta, além de seu título e do nome de quem o publicara, a menção aos seguintes limites cronológicos: 1873-1886. Seria esse o tempo correspondente ao início e ao término da produção poética de Cesário (cerca de treze anos), iniciado com a publicação de seu primeiro poema, “A força”, no *Diário de Notícias* de Lisboa; e finalizado com a sua morte. A sua última publicação em vida, o poema “Nós”, ocorrera em cinco de setembro de 1884, na revista parisiense *A Ilustração*.

O “*Livro*” de Cesário é composto de vinte e dois poemas, alguns já publicados pelo próprio autor, em diversos jornais e revistas, outros inéditos. Os poemas publicados em vida por Cesário apresentam-se com importantes variantes nessa edição. Segundo Silva Pinto, os critérios de edição seguiam fielmente certo plano elaborado por Cesário Verde, que ele teria recebido do irmão do poeta, Jorge Verde, juntamente com todos os originais dos poemas que deveriam entrar no “*Livro*”. Nada mais se sabe sobre esse plano. Além disso, após a morte de Cesário, um incêndio na quinta da família, em Linda-a-Pastora, consumira todo o seu espólio.

Estruturalmente, o “*Livro*” apresenta os poemas distribuídos em dois grandes grupos: “Crise Romanesca” (com seis poemas) e “Naturaes” (com dezesseis). A segunda série inicia-se com um poema que nos diz muito sobre a maneira como Cesário Verde entendia o seu ofício de artista, que ocupava a sua vida de forma tão verdadeira quanto o trabalho de “empregado no comércio”. Estamos nos referindo ao poema que, n’*O livro de Cesário Verde*, recebe o nome de “Contrariedades”. Ele foi publicado pela primeira vez em 18 de março de 1876, no jornal *O Porto*, com o nome de “Nevroses”. Porém, antes de nele nos determos, precisamos recuar ao ano anterior, 1875, quando Cesário, em carta ao amigo Silva Pinto, fazia as seguintes declarações:

[...] Cá vou vivendo cheio de trabalho comercial. Estes últimos dias tenho tido algumas novidades.

Ontem à noite, quando saía da loja encontrei o Henrique das Neves que me disse isto:

“O Teófilo leu os seus versos e, falando a respeito do Guilherme de Azevedo, disse que este era talvez o único que no futuro poderá representar a poesia moderna, por ser quem trilha a verdadeira senda; tanto mais que se apresenta agora uma nova turba de rapazes que andavam mal.”

“E referindo-se à sua “Esplêndida” censurou que um homem, para captar as simpatias de uma mulher, desça ao lugar dos lacaios. Disse que um poeta amante e moderno devia ser trabalhador, forte e digno e não se devia rebaixar assim.” Dize francamente o que pensas disto. (VERDE, 2003, p. 201).

O tom geral dessa carta é de insegurança e de incertezas. De acordo com Joel Serrão, Cesário teria sofrido grande desilusão com os comentários de Teófilo a respeito de seus poemas. O poeta não entendia: “esperava aplausos dos revolucionários e, afinal, pedradas é que recebe” (SERRÃO *apud* VERDE, 2003, p. 201). As palavras de Teófilo Braga reproduzidas por Henrique das Neves antecipavam a ausência do nome de Cesário da antologia que ele organizaria como a mais representativa do estado da poesia em seu tempo, o *Parnaso Português Moderno* (1877). Essas palavras se dirigiam mais especificamente contra o poema “Esplêndida”, um dos três que Cesário havia publicado em 22 de março de 1874, no *Diário de Notícias*, sob o tema mais geral de “Fantasias do impossível”. Os outros dois são “Arrojos” e “Caprichos”, dos quais somente este último figuraria n’*O Livro de Cesário Verde*, com o nome de “Responso” – sexto e último poema da primeira parte do livro e apenas o segundo, dentre os que nele constam, a já ter sido publicado pelo próprio Cesário (o primeiro fora “Cantos da tristeza”, cujo nome no livro é “Setentrional”).

Ainda na carta que abordávamos, é possível perceber que, além da opinião negativa de Teófilo, algo havia acontecido após a publicação das “Fantasias do impossível”. No parágrafo seguinte, Cesário considera absolver Gomes Leal de um mal-entendido ocorrido entre eles. Cesário teria pressionado o então editor do *Diário de Notícias*, Eduardo Coelho, para que publicasse os seus poemas antes da “Justiça” de Gomes Leal. Ainda nesse parágrafo, Cesário menciona que, após terem se reconciliado, Gomes Leal ter-lhe-ia dito que ele não havia agido bem “marcando um prazo para os [seus] versos serem publicados no *Diário de Notícias* e exigindo do Eduardo Coelho que eles saíssem primeiramente que a ‘Justiça’ dele” (VERDE, 2003, p. 202). Toda essa insegurança de Cesário quanto aos resultados da publicação daqueles versos – e dos esforços para tal – fica ainda mais patente nestas suas palavras: “Não sei. Os meus estavam lá havia muito e os dele foram entregues então” (VERDE, 2003, p. 202).

No parágrafo seguinte, Cesário tenta amenizar a gravidade do que havia acontecido dando a entender que entre ele e Gomes Leal não houvera problema algum, senão um equívoco provocado por terceiros: “Diziam-lhe que eu dizia mal dele e diziam-me que ele dizia mal de mim. Agora creio que estamos bem” (VERDE, 2003, p. 2002). Mais adiante, as entrelinhas revelam a duplicidade de sua vida de poeta e de “empregado no comércio”: “Desculpa, meu Silva Pinto, estas minuciosidades que talvez te façam rir. Hoje é dia de santo

e disponho de tempo” (VERDE, 2003, p. 203). Em seguida, Cesário menciona o contato que tivera com o “rapaz” que julgou “um pouco estouvado, mas de bom coração” – Cristóvão Aires, a quem Tomás Ribeiro lhe apresentara e de quem diz: “foi levar-me a casa uma poesia que me é dedicada e em que me aconselha a que siga a escola do Sentimento, ou antes a que escreva apenas o que sinto” (VERDE, 2003, p. 203).

Em resumo: três poemas publicados; um editor deixado em situação delicada; um poeta, de talento símile ao seu, desconsiderado numa atitude que, embora não estivesse de todo incorreta, pois, como Cesário mesmo dissera, os seus poemas já lá estavam antes do dele, fora suficiente para que ele recebesse um tratamento carregado de “frieza”; um presente capaz de afrontar qualquer artista ciente de seu valor e que tivesse a mínima dignidade – o tal conselho estético de Cristóvão Aires; e, por fim, no penúltimo parágrafo da carta, a desconsideração pública num espaço onde ele pretendia inserir-se, relacionar-se, evidenciar-se, obter reconhecimento: “Disseram-me que o Guimarães Fonseca leu no Martinho um folhetim em que me descompõe, e que bastantes rapazes tomaram a minha defesa e pediram que o retirasse. Creio porém que sairá, mas não sei quando” (VERDE, 2003, p. 203). O seu projeto de inserção no campo literário encontrava resistência por todos os lados, mesmo assim Cesário tentava mostrar-se indiferente às contrariedades que surgiam: “parece-me que não me incomodará” (VERDE, 2003, p. 203). Em outros tempos não tão distantes Cesário havia reagido de forma mais direta às ofensas de seus desafetos. O poema “Ele — ao ‘Diário Ilustrado’”, publicado em 1874, é uma prova de sua veia polêmica. Trata-se de virulenta resposta a um simples elogio feito pelo jornal monarquista que o poeta chamava de “o vômito real” (VERDE, 2003, p. 50) e ao qual ele não queria ver sua imagem associada. Mas, dessa vez, algo parece ter sustentado sua aparência elegante naquele momento.

Como já afirmamos, Cesário Verde começara publicando seus poemas no *Diário de Notícias*, de Lisboa, em 12 de novembro de 1873. Foram três poemas publicados de uma só vez: “A força”, “Num tripúdio de corte rigoroso” e “Ó áridas Messalinas”. Dos dez poemas seguintes que publicaria (“Eu e Ela”, “Lúbrica...”, “Ele”, “Impossível”, “Lágrimas”, “Proh pudor!”, “Manias”, “Heroísmos”, “Cantos da tristeza”, e “Cinismos”), apenas “Ele” sairia em Lisboa, em folha solta, no ano de 1874. Todos os outros foram publicados no *Diário da Tarde*, do Porto, entre três de dezembro de 1873 e doze de março de 1874. Esse jornal era dirigido por Manuel Arriaga, amigo de Silva Pinto.

Cesário somente voltaria a publicar num jornal lisboeta em 22 de março de 1874. Os poemas são justamente os três que compõem as “Fantasias do Impossível”. Após isso, até o fim da curta vida, ele publicaria somente mais vinte poemas (“Vaidosa”, “Flores venenosas: I – Cabelos”, “Melodias Vulgares”, “Cadências tristes”, “Deslumbramentos”, “Humorismos de amor”, “Ironias do desgosto”, “Desastre”, “Nevroses”, “A débil”, “Num bairro moderno”, “Merina”, “Sardenta”, “Cristalizações”, “Noitada”, “Num álbum”, “Em petiz”, “Manhãs brumosas (versos de um inglês)”, “O Sentimento dum ocidental” e “Nós”), saídos em Lisboa, Porto e Coimbra. Dos poemas publicados em Lisboa, apenas dois sairiam no *Diário de Notícias*: “Num bairro moderno” (1878) e “Em petiz” (1879).

Em 18 de março de 1876 – portanto, quase dois anos após os resultados negativos da publicação das “Fantasias do impossível” –, Cesário publicava n’*O Porto* o poema “Nevroses”, que, n’*O Livro de Cesário Verde*, aparece com o título de “Contrariedades”. Antes de dimensionarmos a importância desses dados que estão sendo apresentados, vejamos um trecho da obra *Pela vida fora*, de Silva Pinto:

Houve então na minha vida um período que foi a minha Idade Média – em trevas e incubações de coisas. Passei de um *Jornal da Tarde* a um *Porto*, daí a uma *Gazeta do Porto*, depois a um *Diário Português*, jornais pobríssimos, efêmeros, onde eu despendi seiva para uma nova Enciclopédia. Alternavam as polícias correcionais com os conflitos pessoais... Foi esse o período iluminado e aquecido pelas cartas de Cesário Verde, e mal suspeitava o meu grande amigo as torturas reais – do isolamento, da miséria, e de toda a espécie de traições – que me entenebreciam a vida (PINTO, [s.d], p. 51).

Essas cartas que Cesário que Silva Pinto menciona expressam, de forma muito sutil, uma angustiante expectativa: a busca ansiosa por um caminho a seguir, a sua tentativa de se colocar como escritor e de se definir em relação às representações e aos comportamentos associados a essa condição em seu tempo – sem, no entanto, haver, de sua parte, qualquer movimento no sentido de ajustar-se às regras específicas do campo literário no qual pretendia se inserir. Nessa busca, tanto o positivismo de Teófilo Braga como o de *Littré* lhe pareceram vias possíveis, como se constata neste trecho da já citada carta de 1877:

Aquele artigo do Teófilo sobre Camilo que fala em disciplina mental faz-me pensar no que eu devo seguir; agora há uns poucos de dias que não leio. Estou à espera que saia a última edição do dicionário de medicina do *Littré* para estudar. Que te parece? Achas extravagante? (VERDE, 2003, p. 210).

A “Idade Média” pela qual Silva Pinto diz ter passado corresponde, justamente, a um período também obscuro para os projetos literários do próprio Cesário. Mas, conhecendo a fase atravessada pelo amigo, sua sensibilidade não lhe permitiria revelar diretamente todo o seu drama de homem-poeta, embora isso aparecesse algumas vezes em declarações que parecem surgir de assalto, como quando afirma, numa carta de 1875: “Não te digo mais nada porque vejo que estás numa situação em que não se ouve com sossego os que parecem muito sossegados da sua vida, como a ti te parecerá que eu estou” (VERDE, 2003 p. 206). Ou ainda, em carta já de 1877: “Que queres, se não me sinto bem em parte nenhuma e ando cheio de ansiedades de coisas que não posso nem sei realizar” (VERDE, 2003, p. 210). Naquele momento, a decadência no nível dos veículos de divulgação das obras era comum a ambos. Também Cesário publicaria n’*O Porto*. E na última vez em que uma obra sua é publicada nesse jornal ele reafirma o que já havia anunciado em 1873: que tinha uma obra pronta, à espera de editores. Chegamos, então, ao momento a que visávamos desde o início deste artigo, a publicação, em 18 de março de 1876, do poema “Nevroses”. Vejamos o poema:

Eu hoje estou cruel, frenético exigente;  
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.  
Incrível! Já fumei três maços de cigarros  
E agrado a pouca gente.

Dói-me a cabeça. Abafo uns desesperos mudos:  
Tanta depravação nos usos, nos costumes!  
Amo, insensatamente, os ácidos, os gumes  
E os ângulos agudos.

Sentei-me à secretária. Ali defronte mora  
Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;  
Sofre de faltas de ar, morreram-lhe os parentes  
E engoma para fora.

Pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas!  
Tão lívida! O doutor deixou-a. Mortifica.  
Lidando sempre! E deve a conta à botica!  
Mal ganha para sopas...

O obstáculo ou depura ou torna-nos perversos;  
Agora sinto-me eu cheio de raivas frias,  
Por causa dum jornal me rejeitar, há dias,  
Um folhetim de versos.

Que mau humor! Rasguei uma epopeia morta  
No fundo da gaveta. O que produz o estudo?  
Mais duma redacção, das que elogiam tudo,  
Me tem fechado a porta.

A crítica segundo o método de Taine  
Ignoram-na. Juntei numa fogueira imensa  
Muitíssimos papéis inéditos. A imprensa  
Vale um desdém solene.

Com raras excepções, merece-me o epigrama.  
Deu meia-noite, e em paz pela calçada abaixo,  
Soluça um sol-e-dó. Chuvisca. O populacho  
Diverte-se na lama.

Eu nunca dediquei composições nenhuma,  
Senão, por deferência, a amigos ou a artistas.  
Independente! Só por isso os jornalistas  
Me negam as colunas.

Receiam que o assinante ingênuo os abandone,  
Se forem publicar tais coisas, tais autores.  
Arte? Não lhes convém, visto que os seus leitores  
Deliram por Zaccone.

Um prosador, aqui, desfruta fama honrosa,  
Obtém dinheiro, arranja a sua *coterie*;  
E a mim, não há questão que mais me contrarie  
Do que escrever em prosa.

A adulação repugna aos sentimentos finos;  
Eu raramente falo aos nossos literatos,  
E apuro-me em lançar originais e exactos,  
Os meus alexandrinos...

E a tísica? Fechada, e com o ferro aceso!  
Ignora que a asfixia a combustão das brasas,  
Não foge do estendal que lhe humedece as casas,  
E fina-se ao desprezo!

Nem pão no armário, ó Deus! Chama por ela a cova.  
Esvai-se; e todavia, à tarde, fracamente,  
Ouço-a cantarolar uma canção plangente  
Duma opereta nova!

Perfeitamente. Vou findar sem azedume.  
Quem sabe se depois, eu rico e noutros climas,  
Consegurei reler essas antigas rimas,  
Impressas em volume?

Nas letras eu conheço um campo de manobras;  
Emprega-se a *reclame*, a intriga, o anúncio, a *blague*,  
E esta poesia pede um editor que pague  
Todas as minhas obras

E estou melhor; passou-me a cólera. E a vizinha?  
A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia?  
Vejo-lhe luz no quarto. Inda trabalha. É feia...  
Que vida! Coitadinha! (VERDE, 2003, p. 105-7).

“Nevroses” é o desabafo de um poeta que teve seus versos rejeitados por um jornal. Mas esse não é um caso isolado em sua vida autoral. Na sexta estrofe, o eu lírico afirma que “mais duma redacção, das que elogiam tudo”, lhe têm “fechado a porta”. E todo o poema é condicionado pela “cólera” desse sujeito que diz se estimular com os obstáculos, tornar-se perverso com eles, pois tudo o que nos dá a conhecer é modulado por suas “raivas frias”, até mesmo os recortes através dos quais nos mostra aspectos da rotina de sua vizinha, “uma infeliz” que “sofre de faltas de ar” por ter “os dois pulmões doentes” e que, apesar de engomar para fora, “deve a conta à botica” e “mal ganha para sopas...”.

A tensão do poema é regulada pela duração e pela intensidade da cólera desse sujeito que usa o quadro da tísica como espécie de válvula de ajuste para manter a sua própria tensão a um nível compatível com a criação poética. Só aparentemente os comentários tecidos por ele acerca de sua vizinha constituem uma interrupção ao tom de desabafo que caracteriza o poema. Apesar da compaixão que ele expressa ao se referir à engomadeira (“uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes”, “pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas”), a sua impassibilidade ao perscrutar-lhe a vida tão adversa e a ironia com que revela a alienação dela diante de um tal estado de coisas desvelam, a princípio, certo comprazimento com o mal que parece exercer uma função complementar e compensatória ao seu desabafo.

Mas é preciso dizer que tudo isso não impede que o poema “Nevroses” também esteja a serviço de uma poderosa denúncia social. O alvo dessa denúncia é mesmo a situação de alienação e de desamparo das camadas populares: “o populacho” que se diverte “na lama”. Essa expressão, de tom satânico, diz muito sobre o temperamento do sujeito no início do poema, que é responsável pela impassibilidade com que ele contempla o “pobre esqueleto branco”, a vizinha tísica que mora defronte, em sua vida tão precária. Porém, à medida que sua cólera inicial vai se dissipando, o sujeito se aprofunda com mais humanidade naquele quadro deprimente em que uma vida se “esvai”: “nem pão no armário, ó Deus!” – e, todavia,

ele a ouve, em sua alienação, “cantarolar uma canção plangente/Duma opereta nova!”. Ao findar, já “sem azedume” (passou-lhe a cólera), esse sujeito faz-se uma desconcertante indagação: “A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia?”. E o poema termina com esta melancólica conclusão: Vejo-lhe luz no quarto. Inda trabalha. É feia.../Que vida! Coitadinha!”.

Esse é apenas o segundo poema em que Cesário aborda a questão social de forma mais evidente. Isso já havia acontecido em “Desastre” (1875). Mas em “Nevroses” há algo novo. A crítica social não é exercida com paternalismo, nem de forma inequívoca. O sujeito poético é contraditório ao segundo grau. A ambiguidade do seu posicionamento ante a realidade social que o cerca dá a entender que ele a percebia como uma situação complexa – o que, de certa forma, contrasta com a sua recusa a uma adequação ao campo literário e com o seu ideal de fazer arte “independente”, mesmo que seja apenas para destruí-la. Por isso, o campo literário que ignora “a crítica segundo o método de Taine” é o seu alvo principal. O sujeito acusa a “Imprensa” de pautar-se pelo compadrio, pelo elogio mútuo e pela convenção. Para ele, tudo isso valia “um desdém solene”. E como é “independente” e tem “sentimentos finos”, em vez de adular os literatos, apura-se “em lançar originais e exactos” os seus alexandrinos. Por isso negam-lhe “as colunas”; porque “não lhes convém” “publicar tais coisas, tais autores”, ou seja, “arte”; porque “receiam que o assinante ingênuo os abandone”. Num tal campo literário, em que a relação entre a literatura e o dinheiro está desorientada em termos de valor, é um romancista medíocre como o francês Pierre Zaccone, muito famoso e traduzido em Portugal no início da segunda metade do século XIX, quem “obtem dinheiro” e “arranja sua *coterie*”.

Em *O contexto da obra literária*, Dominique Mangueneau afirma que, da mesma forma que a literatura não pode “se confundir com a sociedade ‘comum’”, a sua “existência social” exige-lhe que não se feche sobre si, ao mesmo tempo em que lhe impõe “a necessidade de jogar com e nesse meio-termo” (MANGUENEAU, 2001, p. 28). Esse autor utiliza o conceito de “paratopia” para se referir à pertinência de uma obra ao campo literário. Esse conceito é definido por ele como “resultante de “uma negociação difícil entre o lugar e o não-lugar, uma localização parasitária, que vive da própria impossibilidade de se estabilizar” (MANGUENEAU, 2001, p. 28).

O sujeito poético de “Nevroses” recusa-se a negociar com o campo literário e parece movido pela ideia da possibilidade de uma “criação verdadeira”, composta de “enunciados-

ouro’, contra a multidão inumerável dos enunciados aos quais a sociedade proporciona um valor ilusório” (MAGUENEAU, 2001, p. 40-1). O problema é que quando não dá certo “a obra não passa de um amontoado de signos ainda mais inúteis do que os que ela recusa” (MANGUENEAU, 2001, p. 41).

Mas é preciso dizer que mesmo o idealismo desse sujeito que se nega a adequar-se às regras do campo literário não está livre de contradições. Ele se coloca à margem das regras que podem levá-lo, simultaneamente, à riqueza e à mediocridade, mas almeja a riqueza como premiação por seu talento, por denunciar a mediocridade e as injustiças da mesma sociedade de quem espera o reconhecimento. Cesário, poeta e comerciante, ao tentar se definir em relação às representações e aos comportamentos associados à condição de escritor no seu tempo, recusou-se a negociar com as exigências do campo literário e sentiu na pele os efeitos dessa atitude radical.

Em “Nevroses”, ele afirma que nas letras conhecia bem um campo de manobras, mas, em seu breve percurso artístico e biográfico, apesar de ter utilizado algumas dessas manobras, Cesário Verde não o fizera sem constrangimentos, como se o lançar mão de tais meios fosse uma espécie de ultraje ao talento que ele sabia possuir. O problema é que quem não quer jogar com as regras do campo literário é obrigado a jogar com o acaso, enfrentar contrariedades capazes de esmagar. Em 29 de junho de 1884, Cesário escrevia carta a Mariano Pina, diretor da revista *A Ilustração*, de Paris, fazendo, pela última vez e com uma honestidade emocionante, o uso das tais manobras que em “Nevroses” ele dizia conhecer bem. Vejamos a carta na íntegra:

A sua «Ilustração» impressa nesse tumultuoso Paris, em grande formato, composta por tipógrafos franceses que devem achar muito drôle a abundância do til e a falta do acento grave, anunciada com reclames estonteantes e um tapage ensurdecador nesta pacífica Lisboa tão morna e tão dorminhoca, a sua «Ilustração», duma tiragem muitíssimo respeitável, fez-me nascer o desejo de lhe oferecer a Você a minha colaboração. Conquanto V. não me enviasse o seu cartão de convite, o meu ideal de luxo e a minha pretensão de ver os meus versos numa elegante toilette parisiense, instigaram-me a recomendar-lhe um pequeno poema que fiz com todo o esmero de que sou capaz, e cujas provas eu queria ver pessoalmente, no caso de ser publicado. Compõe-se de heroicos e alexandrinos numas 130 quadras que no tipo miúdo (como é mais distinto e mais discreto para a poesia) encherão essas colunas de Hércules durante pouco mais de 2 páginas. Mas a direcção literária ou administrativa duma publicação como a sua tem dificuldades. Você tem de consultar os grossos apetites dos seus leitores e os

fastios nevrálgicos das suas leitoras, e realmente eu não sei se o deva embaraçar com esta exigência.

Em todo o caso sempre lhe direi que é um trabalho réussi, correcto, honesto e dum sentimento simples e bom. Chama-se «Nós», e é talvez a minha produção última, final. Trato de mim, dos meus, descrevo as propriedades no campo em que nos criámos, a fartura da vida de província, as alegrias do labor de todos os dias, as mortes que tem havido na nossa família, e enfim os contratemplos da existência. Para animar tudo isso, para dar a tudo isso a vibração vital eu empreguei todo o colorido, todo o pitoresco, todo o amor que senti, que me foi possível acumular.

Ora como esta obra começa com a descrição da Febre Amarela e do Cólera-Mórbus quando nós fugimos em crianças, lá para fora, e depois continua com descrições do nosso Verão adusto e forte; e como nós agora estamos com a ameaça da epidemia e Julho e Agosto vão começar, eu pretendia que estas coincidências convergissem; publicando imediatamente.

É uma paixão pela arte que me faz pensar assim, não julgue V. crueldade. A famosa ciência de Pasteur e dos outros há-de atalhar o mal, e o pavor será a maior dor que se sentirá.

Outra coisa: Sabe V. que tenho saudades desse aborrecido mês que vivi em Paris tão contrariado e esmagado, e que hoje fiz volte-face e agora, digo constantemente bem dessa França, desses Franceses e dessas Francesas, como um doido ou um apaixonado?

Bem. Escreva-me Você sem demora com a sua decisão.

Seu confrade amigo e obrigado (VERDE, 2003, p. 237-8).

Essa carta retoma alguns pontos importantes do poema “Nevroses”. De início, em vez do “desdém solene” que o sujeito desse poema diz relegar à imprensa, Cesário afirma ser seu “ideal de luxo”, sua “pretensão”, ver os seus “inéditos” “heroicos” e “alexandrinos” estampados “durante pouco mais de 2 páginas” daquela revista de “tiragem muitíssimo respeitável”. Em sua modesta retórica, Cesário reconhece que fazia um pedido embaraçoso a Mariano Pina, que sequer lhe havia enviado o “seu cartão de convite” e que, decerto, haveria de “consultar os grossos apetites dos seus leitores e os fastios nevrálgicos de suas leitoras”. Mas ele equilibra essa concessão ressaltando o caráter excepcional de sua “epopeia morta”, que é uma epopeia sobre os seus mortos, como sua “produção última, final”. Ao contrário do editor que rejeita o “folhetim de versos” do sujeito de “Nevroses”, Pina não faz caso do “assinante ingênuo”, que poderia abandonar sua “Ilustração” por “publicar tais coisas, tais autores”, e o poema “Nós” sai em cinco de setembro de 1884, na revista parisiense.

O fato de Cesário ter pretendido sincronizar a publicação de “Nós” com eventos reais que lhe dramatizariam a leitura faz-nos pensar que a proximidade da publicação de “Nevroses” com a série de incidentes que vinham se sucedendo em sua vida desde as “Fantasias do impossível” tenha tido alguma relação com tais acontecimentos. É que na

poética de Cesário a relação entre os elementos biográficos e a criação resultante da despersonalização é ao mesmo tempo muito tênue e complexa. Centrando-nos apenas no caráter enunciativo do eu lírico desses dos poemas, verificamos que enquanto em “Nevroses” as contrariedades enfrentadas pelo sujeito em sua relação com o campo literário levam-no a destruir os seus versos, ou a enterrá-los “no fundo da gaveta”, em “Nós” a constatação da ausência de sentido da existência faz com que o sujeito acabe por negar o valor da própria literatura:

De tal maneira que hoje, eu desgostoso e azedo  
Com tanta crueldade e tantas injustiças,  
Se inda trabalho é como os presos no degredo,  
Com planos de vingança e ideias insubmissas.

E agora, de tal modo a minha vida é dura,  
Tenho momentos maus, tão tristes, tão perversos,  
Que sinto só desdém pela literatura,  
E até desprezo e esqueço os meus amados versos!  
(VERDE, 2003, p. 184).

Voltando à biografia, após a saída de “Nós” n’*A Ilustração* Cesário realmente nunca mais publicaria outro poema. E até onde se sabe, este foi o último a ser concluído. Como vimos na carta a Mariano Pina, Cesário refere-se a essa composição como sua “produção última, final”. N’*O Livro de Cesário Verde*, há um poema incompleto, “Provincianas”, que Silva Pinto identifica como tendo sido iniciado após a conclusão de “Nós”. De qualquer forma, o que o poeta registra na carta sobre o caráter derradeiro desse poema e a ausência de publicação posterior são fatos que nos permitem ver mesmo nele uma espécie de despedida.

Em “Nevroses” o sujeito poeta tem como algoz a sociedade, que lhe rejeita os versos; e em “Nós” é a vida mesma, em seu caráter problemático, que não merece o seu labor. Mas o poeta Cesário já havia assumido a própria responsabilidade pela impossibilidade do verso, do livro ideal. Em “O sentimento dum ocidental” (1880), meditando um livro que exacerbasse, o sujeito queixa-se por “não poder pintar” a realidade com “versos magistras, salubres e sinceros”, desejando, porém, eternamente buscar e conseguir “a perfeição das coisas”. Seja como for, Cesário morreria em 1886 e, como Mallarmé, também não publicaria o seu prometido “*Livro*”.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna (da metade do século XIX a meados do século XX)*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. O niilismo europeu. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 21, p. 5-23, jul./dez. 2003.

PINTO, Antonio José da Silva. *Pela vida fora: 1870-1900*. Lisboa: Guimarães, [s.d.].

VERDE, Cesário. *Obra completa de Cesário Verde*. Lisboa: Livros Horizontes, 2003.